

Apesar da sua utilidade, talvez essas bellas reliquias do passado cheguem a perder-se, como muitas se tem perdido, se... S. Francisco não fizer o milagre que fez para a conservação da linda e arrojada igreja do seu extincto convento.

C. DA CAMARA MANOEL.

Noticia de algumas estações romanas e arabes do Algarve

3. Antiquidades do concelho de Lagos

(Continuação de pag. 212)

Estacio da Veiga tinha proclamado a primeira idade do ferro em uma necropole da Fonte-Velha, a 1 kilometro aproximadamente de Bensafim, onde dizia ter encontrado, entre outros artefactos, fragmentos de louças de barro. Estas louças tinham bastante importancia para nós; e por isso, sendo-nos facilitada pelo digno prior a exploração do sítio, concentrámos alli todos os nossos esforços.

As pesquisas foram quasi todas feitas fóra da área já explorada por Estacio da Veiga; área que nos foi determinada pelo nosso excellente guia. Os resultados colhidos, quanto á necropole prehistorica, não pertencem a este escripto. Mas, para chegarmos a essa necropole, tivemos de atravessar uma necropole romana por incineração, que estava situada superiormente; e nós aproveitámos o ensejo de explorar tambem esta interessante estação. D'ahi uma serie de observações que estão no quadro d'este estudo, e que nos parecem de alguma importancia.

O espaço de terreno por nós explorado fica contiguo pelo Norte, Oeste, Sul e ao Sueste da exploração anterior; e não será talvez muito inferior a este. Estacio da Veiga pôs a descoberto 17 sepulturas prehistoricas: nós descobrimos 13 do mesmo typo e uma de typo diverso, estando, todavia, esta última e duas d'aquellas na área das explorações do nosso predecessor.

Encontrámos restos consideraveis de 16 urnas funerarias (*ollae cinerariae*) disseminadas pelo terreno, e mais algumas manchas de carvões e cinzas com frágmentos dispersos de outras urnas.

O nosso illustre predecessor notára que a disposição dos depositos, contendo as cinzas, carvões, urnas e objectos votivos, era em montículos. Nós tambem encontrámos no seio da terra 14 manchas de

carvões e cinzas vegetaes, com espessuras variaveis, quasi todas*isoladas, envolvendo urnas cinerarias; e pareceu-nos que essas manchas, mais largas na sua base, e tendo as urnas no meio, podiam bem, no seu conjuncto, dar a ideia de monticulos.

Esta disposição indicará que a cremação de cada corpo era operada no proprio local em que se sepultavam as respectivas cinzas dentro da urna? A hypothese poderá parecer inverosimil, em vista dos usos romanos geralmente conhecidos pela historia e pela archeologia. Quem tomar como guia, por exemplo, o bello dictionario de antiguidades de Rich, dirá que a cremação devia ser feita em algum *ustrinum* proximo; e que, sob este ponto de vista, teria sido interessante averiguar se os alicerces da construcção quadrangular, que Estacio da Veiga encontrou no terreno por elle explorado, seriam restos dos muros que cercavam esse recinto. De facto aquelle escriptor ensina que a incineração era praticada em um logar publico, apropriado por meio de obras de arte a esse fim, a que dá o nome de *ustrinum*, ou no recinto do proprio tumulo que tinha de receber as cinzas, onde o sitio da cremação tomava o nome de *bustum*, e que só era dado a pessoas ricas. Não possuindo a pobre gente da Fonte-Velha tumulos alguns, é claro que só a hypothese do *ustrinum* poderia, segundo as ideias de Rich, ser-lhe applicada.

Outros auctores, tratando-se de um e outro d'estes logares, de que restam vestigios em Pompeia, os designam ambos por *ustrinum*, chamando *bustum* á pyra consumida; e dizem que o da Via Appia, proximo de Roma, descoberto por Piranezi, tinha no meio uma fossa onde se fazia a incineração. «Cada localidade, dizem elles, possuia um logar especial para a incineração, chamado *ustrinum*, e até, se as leis policiaes se não oppunham, cada sepultura de familia tinha um *ustrinum* privativo¹».

Mas, se na Fonte-Velha a cremação se fazia em um *ustrinum* publico, como explicar na necropole a presença das manchas de carvões e cinzas vegetaes? Serão os restos da pyra trazidos do *ustrinum* com as urnas contendo as cinzas dos mortos, e depositados junto d'ellas? Difficil é a resposta, attendendo ao que se sabe geralmente das praticas funebres dos romanos.

Eis o que resumimos, a respeito d'estas praticas, de alguns auctores que nos são mais familiares. Nos funeraes dos riocs as brasas eram apagadas com vinho; os parentes, lavando as mãos, recolhiam

¹ Guhl e Koner, *La vie antique*, Roma, pag. 134 e 135, 493 e 494.

os ossos e cinzas do cadaver nos pannos das suas vestes; aspergiam-nos com leite e vinho; e, depois de os seccarem, é que os encerravam nas urnas com substancias aromaticas, e os depositavam nos tumulos. No nono dia immediato havia um banquete com sacrificio junto ao tumulo (*novendialia*), e pelo anniversario da morte tambem se sacrificava aos Manes do defuncto¹. É certo, porém, que no tumulo de Naevoleia, em Pompeia, foram descobertas duas urnas cinerarias de vidro, hermeticamente tapadas, em que os ossos e cinzas fluctuavam num liquido que, pela analyse chimica, se reconheceu ser uma mistura de agua, vinho e azeite, proveniente das libações; o que permite modificar um pouco as praticas enunciadas².

Como se procedia com os pobres, taes como os da necropole da Fonte-Velha, é caso mais escuro, se attendermos ás poucas noções que nos dão os auctores que nós conhecemos. Eis a que se limita, por exemplo, Bridault, escriptor do seculo passado: — «Il avoit des endroits hors des murs de Rome où l'on brûloit les corps des personnes du commun, ce qui se faisait à peu de frais & sans beaucoup de cérémonies». Referindo-se aos sacrificios feitos nos anniversarios da morte, acrescenta: — «Les petits faisaient aussi cet anniversaire à leur manière & suivant leurs moyens³». Entre os mais modernos, Legrèze apenas diz o seguinte: — «nul parfum précieux n'était répandu sur le bûcher funèbre, où l'on ne jetait qu'un peu de poix pour activer la flamme. Si, dans une épidémie, les décès étaient nombreux, on entassait plusieurs corps qu'on brûlait à la fois⁴».

D'este modo, quanto ás outras praticas populares, temos de resignar-nos a affrontar os difficeis problemas que suggerem os vestigios encontrados na necropole da Fonte-Velha e em outras semelhantes, como era, por exemplo, a que se descobriu em Pompeia, fóra da Porta de Nola, que parece pertencer á epocha decorrida entre Pompeu e o fim do reinado de Tiberio⁵.

Ora entre os factos que foram verificados por nós no acto da exploração, convem notar primeiramente os seguintes: que se encontraram duas urnas sem estarem associadas a manchas negras no terreno circundante; que foram encontradas tres outras urnas, todas fendidas,

¹ *Ob. cit.*, pags. 494 e 495.

² *Pompei, les catacombes, l'Alhambra*, pag. 88.

³ *Pompeia*, por E. Breton, pag. 98.

⁴ *Mœurs et coutumes des romains*, t. 1, pags. 250 e 255.

⁵ *Pompeia*, por E. Breton, pag. 115.

mas conservando todos os fragmentos adherentes á pasta interna, que era negra, as quaes estavam cercadas de manchas negras de carvão vegetal;— e que todas as restantes urnas, a que faltavam muitos fragmentos, se denunciaram por manchas semelhantes.

Para estas ultimas a hypothese de remeximentos occorre sem difficuldade; mas não basta para resolver o problema. Nós observámos que as massas de carvões e cinzas eram tão grandes em relação ao que podiam conter as urnas, que a dispersão do conteúdo d'estas não podia ser a sua unica causa: tanto mais porque em muitas das manchas do solo se recolheram porções consideraveis das pastas cinerarias, conservando tambem externamente adherentes grandes porções das urnas em fragmentos, e internamente diversos vasos de vidro, uns inteiros e outros partidos.

Parece, pois, que taes urnas tinham estado em condições analogas ás das segundas, isto é, tinham sido depositadas no meio de carvões e cinzas vegetaes. Assim, para estes dois grupos, a causa da presença das manchas negras do solo foi a mesma; e essa causa representa uma prática geral, pois que só parece não ter sido seguida quanto ás duas primeiras urnas a que nos referimos.

Outro facto de maior importancia foi tambem reconhecido por nós. Alguns dos fossos que haviam sido abertos para sepultar as urnas, apresentavam no fundo vestigios de um fogo intenso. Os homens da necropole superior, encontrando por vezes nessas excavações as lages que cobriam as sepulturas da necropole inferior, levantaram-nas e partiram-nas, fazendo descer as escavações dentro d'estas sepulturas até 0^m,10 e 0^m,20 dos topos dos supportes ou lages verticaes, que nesta parte ficaram inteiramente a descoberto; e um fogo fortissimo atacara profundamente estas lages, desaggregando-lhes diversas parcellas. Vestigios semelhantes encontramos em fragmentos das lages da cobertura dispersos pelo entulho.

Isto prova, a nosso ver, que a causa dos carvões e cinzas vegetaes que cercavam as urnas, fôra esse fogo violento feito no *proprio local* de cada sepultura.

Este resultado tem um grande alcance para nós. Só a incineração dos corpos exigia fogo tão intenso: nem sacrificios, nem banquetes funebres podiam explical-o. Os ensaios de cremação, que se têm feito, demonstram que é necessaria uma forte combustão, mantida durante muitas horas, para reduzir um cadaver a cinzas; e este fogo violento chega a calcinar as proprias rochas que ficam sujeitas á sua acção destruidora. D'este modo somos levados a admittir que, para cada morto, era aberto na terra um fosso com dimensões sufficientes,

o qual servia de *ustrinum* e de sepultura. Incinerado alli o corpo, como na fossa do *ustrinum* da Via Appia, recolhiam-se as respectivas cinzas na urna, e, juntando-se em uma parte do fosso os restos da pyra, a urna era depositada no meio d'elles.

Mas as duas urnas que não jaziam no meio de carvões e cinzas? Para estas é forçoso admittir que os mortos foram incinerados fóra das sepulturas.

A explicação que damos ás manchas do solo será talvez tida por ousada, mas não deixa de ter apoio em observações feitas noutros logares. Como na necropole luso-romana da Fonte-Velha, se procedeu na necropole gallo-romana de Poitiers. Pelos relatorios das escavações feitas nesta ultima por conta do governo francez, sabemos que muitas das sepulturas por incineração consistiam em fossos com a grandeza de homem, ou aproximadamente circulares com um metro de diametro, abertos na rocha, dentro dos quaes se achavam cinzas, ossos queimados, restos de ceramica e de vasos de vidro; e outras consistiam em urnas de vidro ou de barro, contendo os ossos queimados, e que se achavam enterradas isoladamente. Estas ultimas fizeram pensar em um *ustrinum* onde devia ter-se effectuado a cremação; mas tendo-se verificado que o fundo e paredes dos fossos abertos na rocha estavam fortemente calcinados, concluiu-se que cada corpo fóra incinerado na propria sepultura, umas vezes em posição horisontal e outras em posição vertical. Só para as urnas isoladas subsistia a hypothese de um *ustrinum* ou logar proprio de incineração, se é que esta não era praticada ao lado de cada sepultura.

*

É notavel que na nossa necropole não apparecesse sepultura alguma por inhumação. Na referida necropole gallo-romana o uso da incineração coexistiu com a da inhumação. De 125 sepulturas descobertas no terreno do Estado 73 eram por incineração e 52 por inhumação, pertencendo ás mesmas epochas as moedas encontradas em umas e outras.

O uso exclusivo da incineração pela gente da Fonte-Velha, que comprehendia homens de armas e pessoas da plebe, comparado com o da inhumação observado no estabelecimento agricola de Marim, onde as sepulturas não continham armas nem o mobiliario de vidro, bronze ou barro fino que recolhemos na necropole de que tratamos, faz pensar que esta pertenceria a pessoas livres.

Devemos, porém, advertir que em Poitiers algumas sepulturas por inhumação eram tão pobres como as de Marim: não continham vasos de vidro, nem outro mobiliario, além de pregos e algum vaso de barro. A sua construção era até muito semelhante ás de Marim. Por isso a distincção feita entre as duas necropoles do Algarve não passa do dominio das hypotheses, que novas descobertas em Portugal poderão confirmar ou destruir.

(Continúa.)

A. DOS SANTOS ROCHA.

Cabrinhas ou bodes de bronze

Ha vinte annos, ou mais, foi achada no Redondo, districto de Evora, uma figura de bronze, que representa uma cabra. D'essa figura diz Filippe Simões:



Fig. 1

«A cabra encontrada no Redondo, e pertencente hoje ao Sr. Dr. Sanches da Gama, appareceu, juntamente com moedas romanas e vasos de barro, debaixo de uma pedra, perto da villa O possuidor da cabrinha conserva tambem algumas das moedas, que diz serem do imperador Filippe. O individuo que fez o achado insiste em que todos estes objectos estavam juntos debaixo da mesma pedra O sitio do achado foi junto de certo ribeiro, distante um kilometro de Montoito ¹».

¹ *Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica*, pag. 124, nota.